



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
PIAUÍ
CAMPUS FLORIANO
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

RAISSA RODRIGUES DA CRUZ

**SABERES TRADICIONAIS NA CRIAÇÃO DE ANIMAIS E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo com
pecuaristas de Cajazeiras do Piauí (PI)**

**FLORIANO
2026**

RAISSA RODRIGUES DA CRUZ

**SABERES TRADICIONAIS NA CRIAÇÃO DE ANIMAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo com pecuaristas de Cajazeiras do
Piauí (PI)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(artigo científico) apresentado como
exigência parcial para obtenção do diploma
do Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,
Campus Floriano.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Brunna Laryelle
Silva Bomfim.

FLORIANO

2026

SABERES TRADICIONAIS NA CRIAÇÃO DE ANIMAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: um estudo com pecuaristas de Cajazeiras do Piauí (PI)

Raissa Rodrigues da Cruz¹

Brunna Laryelle Silva Bomfim²

RESUMO

O conhecimento etnozoológico constitui um patrimônio imaterial vital para a pecuária familiar no semiárido piauiense, orientando práticas de manejo e estratégias de sobrevivência. Este estudo objetivou analisar o conhecimento tradicional e sua influência na identidade local e na resistência cultural. A metodologia, de natureza qualiquantitativa, contou com a participação de 30 pecuaristas selecionados pela técnica de “bola de neve”. Foram aplicados formulários estruturados e entrevistas semiestruturadas, analisadas via estatística descritiva e análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados demonstram que o saber local é predominantemente adquirido via transmissão oral e intergeracional (70% dos criadores possuem mais de 20 anos de experiência). Identificou-se um forte uso de práticas etnoveterinárias e manejo adaptativo à seca, embora existam desafios como a descontinuidade geracional e a marginalização epistemológica frente ao saber acadêmico. Como produto final, elaborou-se uma cartilha educativa visando a valorização e a salvaguarda desses saberes. Conclui-se que o fortalecimento de uma “ecologia de saberes” é essencial para integrar o saber popular ao ensino formal de Biologia, garantindo a sustentabilidade cultural e produtiva da região.

Palavras-chave: Etnozoologia. Conhecimento Tradicional. Pecuária Familiar. Resistência cultural. ecologia dos saberes.

ABSTRACT

Ethnozoological knowledge constitutes a vital intangible heritage for family livestock farming in the semi-arid region of Piauí, guiding management practices and survival strategies. This study aimed to analyze traditional knowledge and its influence on local identity and cultural resistance. The methodology, of a qualitative and quantitative nature, involved the participation of 30 livestock farmers selected through the snowball sampling technique. Structured forms and semi-structured interviews were applied, which were analyzed using descriptive statistics and Bardin's (2011) content analysis. The results demonstrate that local knowledge is predominantly acquired through oral and intergenerational transmission (70% of the breeders have more than 20 years of experience). A strong use of ethnoveterinary practices and adaptive drought management was identified, although there are challenges such as generational discontinuity and epistemological marginalization in the face of academic knowledge. As a final product, an educational booklet was developed aimed at the valorization and safeguarding of this knowledge. It is concluded that strengthening an "ecology of knowledges" is essential to integrate popular knowledge into formal Biology teaching, ensuring the cultural and productive sustainability of the region.

Keywords: Ethnozoology. Traditional Knowledge. Family Livestock Farming. Cultural resistance. Ecology of knowledges.

¹ Raissa Rodrigues da Cruz. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. IFPI. raissa.rodrigues090@gmail.com

² Dr^a Brunna Laryelle Silva Bomfim. Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. IFPI. brunna.bomfim@ifpi.edu.br

Data de aprovação: 24/06/2026

1 INTRODUÇÃO

A Etnozoologia, como um campo interdisciplinar da Etnobiologia, dedica-se ao estudo das interações complexas entre os seres humanos e os animais, abrangendo dimensões biológicas, cognitivas e simbólicas. Essas interações são fundamentais para a compreensão de como comunidades tradicionais percebem e manejam os recursos faunísticos ao redor (Alves, 2012) reforçado por (Miranda; Santos, 2023). No contexto da pecuária familiar, esse conhecimento etnozoológico constitui um patrimônio imaterial que orienta desde práticas de manejo sanitário até a organização social da produção.

No estado do Piauí, a pecuária familiar desempenha um papel socioeconômico vital, especialmente em comunidades rurais que enfrentam as adversidades climáticas do semiárido. Em localidades como Cajazeiras – PI, a criação de animais não é apenas uma fonte de subsistência, mas um pilar da identidade cultural. Contudo, observa-se historicamente uma marginalização desses saberes frente ao conhecimento acadêmico eurocêntrico. A invisibilidade social dos produtores que não possuem educação formal muitas vezes impede que suas experiências sejam integradas ao desenvolvimento científico regional (Souza e Romagnoli, 2022).

Além da invisibilidade, o saber tradicional enfrenta o desafio da descontinuidade geracional. O avanço tecnológico e a atração pela vida urbana tem gerado um desinteresse entre os jovens em dar continuidade à lida no campo (Matte et al., 2022). Essa ruptura na sucessão familiar coloca em risco a transmissão de práticas essenciais, como o uso etnoveterinário da flora da Caatinga. O uso de plantas medicinais representa uma estratégia de autonomia de resistência dos criadores, sendo muitas vezes a primeira resposta no tratamento de enfermidades animais (Reis et al., 2023).

Nesse contexto, surge a necessidade de promover uma “ecologia de saberes”, onde o conhecimento empírico de pecuaristas dialoguem de forma horizontal com a educação científica (Cunha; Antonello, 2024). A universidade não deve atuar como um espaço de substituição, mas de hibridismo, reconhecendo que a escola rural pode ser um local de valorização justifica-se, portanto pela urgência em documentar esses saberes para fortalecer a autoestima do produtor e garantir que o conhecimento tradicional seja reconhecido como ciência prática e funcional (Ferreira; Tupiassu; Gros-Désormeaux, 2024).

O presente estudo tem como objetivo geral analisar o conhecimento tradicional e sua influência na identidade local e na resistência cultural em um município de Cajazeiras-PI, identificando formas de transmissão, preservação e aplicação dos saberes tradicionais relacionados ao manejo de bovinos e ovinos. Especificamente, buscou-se identificar as principais técnicas de manejo tradicional, compreender os mecanismos de transmissão de conhecimento e avaliar a percepção dos criadores sobre a integração entre o saber popular e a educação formal. Apesar da relevância prática desses conhecimentos para o manejo animal e para manutenção das atividades pecuárias familiares, observa-se que os saberes são pouco reconhecidos nos espaços educacionais e científicos. Nesse contexto, surge a seguinte problemática: por que o conhecimento tradicional dos criadores de animais é desvalorizado no contexto social e educacional, apesar de sua grande relevância para as comunidades rurais? Espera-se que este registro contribua para o fortalecimento da identidade rural e para o reconhecimento institucional da importância desses saberes da pecuária regional.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no município de Cajazeiras-PI localizado na região do semiárido piauiense, geograficamente posicionado sob as coordenadas de Latitude 6° 45' 58" Sul e Longitude 42° 23' 30" Oeste, apresentando uma altitude média de 157 metros acima do nível do mar. O município limita-se territorialmente com regiões de forte tradição rural, situando-se próximo a cidades como Oeiras e São Francisco do Piauí. De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cajazeiras-PI possui uma população de 3.108 habitantes e uma densidade demográfica de 6,05 habitantes por quilômetro quadrado (hab/km²), região que possui forte tradição na pecuária familiar.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 17 e 23 de novembro de 2025, por meio de entrevistas e aplicação de formulários aos participantes da pesquisa. O estudo obdeceu aos princípios éticos estabelecidos pela resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, Campus Amílcar Ferreira Sobral (CEP/CAFS-UFPI), sob o parecer nº 7937.642 e CAAE nº 9238125.60000.5660. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da investigação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início da coleta de dados, sendo garantidos o anonimato, a confidencialidade e o sigilo das informações fornecidas.

A seleção dos participantes foi realizada por meio da técnica de amostragem por “bola de neve” (Biernacki; Waldorf, 1981; Vinuto, 2014), na qual um grupo inicial de pecuaristas com experiência no manejo tradicional indicou outros sujeitos com perfil semelhante. A amostragem final foi composta por 30 pecuaristas familiares, atingindo-se saturação teórico quando novas entrevistas não apresentavam informações inéditas relevantes.

A coleta de dados foi feita por meio de dois instrumentos principais: formulário estruturado, utilizado para o levantamento de dados socioeconômicos (idade, escolaridade, renda) e informações específicas de manejo. E, entrevistas semiestruturadas, aplicada para captar as percepções subjetivas sobre práticas culturais, transmissão de conhecimento e desafios da atividade.

Os dados quantitativos (socioeconômicos e de manejo objetivo) foram processados por meio de estatística descritiva simples, com o cálculo de frequência absoluta (n) e porcentagem (%). A fórmula utilizada foi:
$$\% = \frac{n \text{ (frequencia absoluta)}}{\text{(Total de participantes)}} \times 100$$

Para os dados qualitativos provenientes das questões abertas, aplicou-se técnica de Análise de Conteúdo proposta por (Bardin, 2011). Este procedimento envolveu pré-análise (leitura flutuante das transcrições), exploração do material (codificação e agrupamento das falas em núcleos de sentido), tratamento dos resultados (categorização final e interpretação dos saberes etnozoológicos em articulação com referencial teórico). Da análise emergiram seis categorias temáticas: transmissão de saberes tradicionais; cuidados prioritários com os animais; manejo sanitário tradicional; bem-estar e ambiente de criação; fatores de mudança nas práticas tradicionais; e, barreiras ambientais à criação de animal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Etnobiologia: conceitos e fundamentos

A Etnobiologia é uma ciência interdisciplinar que investiga o papel da natureza nos sistemas culturais, analisando as relações entre seres humanos e o ambiente natural. Essa área engloba os conhecimentos e conceituações desenvolvidas por diferentes sociedades sobre a fauna, a flora e os ecossistemas, destacando os sistemas de crenças e adaptações ao meio ambiente. Diferente da biologia ocidental, que frequentemente organiza as informações de forma categórica e hierárquica, o conhecimento biológico das comunidades indígenas integrado, unindo elementos como plantas, animais, mitos e ritos. Essa abordagem permite compreender as interconexões entre o mundo natural, simbólico e social, evidenciando a necessidade de uma metodologia que respeite as categorias cognitivas e os valores culturais dos povos estudados, (Posey, 1990).

A Etnobiologia também tem um papel importante na preservação do conhecimento tradicional no mundo globalizado. Em muitos casos, as comunidades indígenas e locais possuem conhecimentos detalhados sobre a biodiversidade de suas regiões, acumulados ao longo de gerações e transmitidos oralmente, (Alves; Rosa, 2005).

Além disso, a Etnobiologia serve como uma ponte entre os saberes tradicionais e a ciência formal. Ao promover um diálogo entre essas duas formas de conhecimento, ela valoriza as práticas culturais e amplia o entendimento sobre a diversidade de relações humanas com o meio ambiente. Essas inter-relações são cruciais para que se reconheça a importância de sistemas de conhecimento alternativos, tanto para a ciência quanto para as políticas voltadas para a preservação cultural e ambiental, (Posey, 1990); (Santos Fita; Costa Neto, 2007).

2.2 Etnozoologia: interação entre humanos e animais

A Etnozoologia, como parte da Etnobiologia, investiga as interações entre seres humanos e animais, englobando aspectos como conhecimento, usos e representações culturais. Essa disciplina vai além de uma perspectiva utilitária dos animais, explorando também os significados simbólicos e afetivos que diferentes

sociedades atribuem a eles. Os estudos etnozoológicos tem como objetivo compreender como esses conhecimentos são transmitidos entre gerações, como eles se adaptam às mudanças culturais e ambientais, e como são aplicadas em práticas cotidianas, como manejo, caça e domesticação, (Santos Fita; Costa Neto, 2007).

Desde o final do século XIX, a Etnozoologia passou a integrar diversas disciplinas, como a Antropologia, a Biologia e a Ecologia, promovendo uma abordagem transdisciplinar. Essas características permitem que a Etnozoologia seja utilizada como uma ferramenta essencial para analisar não apenas o uso dos animais, mas também o papel deles em sistemas culturais ecológico mais amplo. Em comunidades rurais e indígenas, o conhecimento sobre a fauna é frequentemente associado a prática de manejo sustentável, conservação da biodiversidade e estratégias de subsistência, destacando a importância desses saberes para a sustentabilidade local (Alves; Souto, 2010).

Estudos recentes reforçam essa importância. Os saberes sobre o uso da fauna por comunidades tradicionais no Brasil incluem o conhecimento de 829 espécies, evidenciando a riqueza e a diversidade dos usos e significados atribuídos aos animais (Santos, 2023). Uma concentração dos estudos Etnozoologia no Nordeste brasileiro, especialmente no bioma Caatinga, revelando a relevância regional da prática (Corrêa et al., 2019).

Além disso, vínculos afetivos e simbólicos entre os criadores e os animais, que influenciam diretamente o manejo (Silva, Santos e Lucena, 2024). Nos estudos com pecuarista da Serra do Sudeste (RS), demonstra que o saber tradicional constitui uma forma prática e contextualizada de apropriação da natureza (Azevedo, 2013).

2.3 Conhecimento Tradicional: Práxis, Resistência e Conservação Biocultural

O conhecimento popular não se diferencia do conhecimento científico pela veracidade ou pelo objetivo estudado, mas sim pelo método, forma e instrumentos utilizados no processo de conhecer (Marconi; Lakatos, 2003). Enquanto o conhecimento tradicional se baseia na observação prática e direta, o conhecimento científico investiga a natureza e os fundamentos de um fenômeno sob o rigor acadêmico. Contudo, essa distinção não aplica uma hierarquia de validade, a ciência não é o único meio de acesso à verdade, e tanto o homem comum quanto o cientista

podem observar o mesmo fenômeno, diferenciando-se apenas na abordagem utilizada.

Esse saber é formado por práticas sobre o mundo natural e social, geradas em contextos não urbanos e transmitidas oralmente. O conhecimento tradicional está ligada à cosmologia das comunidades onde não há separação rígida entre o natural e o social (Diegues, 2000). No contexto da pecuária familiar, essa integração é evidente: o criador não apenas maneja o animal, mas interage com o ecossistema da Caatinga de forma a enriquecer a biodiversidade local (Balée, 1993; Gomez Pompa, 1992).

Atualmente, essa visão é ampliada pela necessidade de uma gestão sustentável que integre conhecimentos ancestrais à preservação ambiental. A integração do conhecimento étnico permite expandir o entendimento sobre a natureza, incluindo dimensões socioculturais e ecológica frequentemente negligenciadas pelas abordagens científicas tradicionais (Alexandre et al., 2024). Esse fenômeno é o que se chama de conservação biocutural, onde a proteção da fauna e flora está diretamente ligada à manutenção da cultura das populações locais (Silva; Santos; Lucena, 2024).

No semiárido piauiense, o saber tradicional manifesta-se como “uma ciência territorial popular” feita na práxis descolonial (Saquet, 2022; Ruiz et al., 2024). Reinterpretar a conservação do saber no marco legal da biodiversidade é uma questão de justiça social, garantindo que o conhecimento empírico do sertanejo seja reconhecido como um patrimônio legítimo e funcional diante das mudanças climáticas globais (Ferreira, Tupiassu e Gros-Désormeaux, 2024).

2.4 Valorização e marginalização dos saberes tradicionais

A marginalização dos saberes tradicionais é um reflexo direto da colonialidade do saber, que estabelece o conhecimento científico moderno como o único padrão de racionalidade válido. Esse modelo hegemônico impõe uma “manocultura do saber” que desqualifica as práticas transmitidas oralmente, tratando-as como forma de conhecimentos inferiores ou meramente folclóricas (Silva, 2023). Nas instituições escolares, essa exclusão é perpetuada por currículos descontextualizados que ignoram as vivências locais, transformando o espaço educativo em um ambiente de silenciamento das identidades (Almeida, Almeida e Nascimento, 2017; Santos, 2025).

Para superar essa condição, torna-se essencial a implementação de uma “ecologia de saberes”, que promova o reconhecimento da pluralidade epistemológica e diálogos horizontais entre o conhecimento acadêmico e as sabedorias populares. A ecologia de saberes na educação do campo surge como uma alternativa que confronta a lógica da exclusão, permitindo que o conhecimento camponês seja integrado como um saber legítimo e necessário para o desenvolvimento social e ambiental (Gonçalves, 2018).

No contexto das comunidades tradicionais, os conhecimentos sobre o meio ambiente e as tecnologias próprias de subsistência não devem ser vistos como sistemas complexos que garantem a preservação da sócio biodiversidade (Almeida, Almeida e Nascimento, 2017; Silva, 2023). Ao validar a experiência comunitária como fonte legítima de aprendizagem, a educação deixa de ser um instrumento de reprodução de desigualdade e passa a ser um espaço de emancipação cultural (Santos, 2025). Essa integração é fundamental para que as populações locais sejam protagonistas de seus processos educativos, assegurando uma formação que respeite a diversidade e promovam justiça social. (Almeida, Almeida e Nascimento, 2017; Silva, 2023).

2.5 Panorama dos estudos Etnobiológicos e Etnoveterinário no cenário nacional e regional

Compreender o estado da arte em Etnozoologia e Etnoveterinária requer situar a presente investigação nas escalas nacionais, regional e estadual, identificando padrões que dialoguem com a pecuária familiar. No cenário brasileiro, a Etnozoologia consolidou-se a partir do século XX, impulsionada pela fundação da Sociedade Brasileira de Etnozoologia e Etnoecologia (SBEE) em 1996. O panorama bibliográfico histórico demonstram que as pesquisas nacionais historicamente elegeram a zooterapia, etnoictiologia e a etnoentomologia como eixos centrais, consolidando a catalogação dos usos medicinais e das percepções cognitivas sobre a fauna como a base epistemológica da disciplina no país (Santos-Fita e Costa-Neto, 2000).

Expandindo essa visão no âmbito das ciências sociais rurais, o debate contemporâneo ressalta que as práticas pastoris envolvem redes complexas de agencia animal, onde os rebanhos e animais auxiliares atuam como participantes ativos na co-produção da existência camponesa. Essa ordem moral e identitária da pecuária familiar é frequentemente desqualificada e marginalizada pelos processos

lineares de modernização técnica e pela lógica pela técnica industrial que rege a cadeia da carne (Rieth e Velden, 2019). Essa resiliência do saber local encontra-se paralelo na conservação das raças criolas adaptadas, a exemplo do bovino Pantaneiro (Mazza *et al.*, 1994).

No âmbito regional nordestino, as pesquisas assemelham-se ao documentar estratégias de sobrevivência e convivência dos criadores com estacionalidade climática da Caatinga. A articulação desse saber com a conservação ambiental e a transmissão geracional foi mapeada por (Silva, 2016) no interior da Bahia, evidenciando uma apurada sensibilidade ecológicas dos pequenos produtores em repassar oralmente aos seus descendentes as regras de manuseio e manejo da biodiversidade local como respostas aos impactos antrópicos. A saúde animal, a fitoterapia popular surge como uma barreira crucial contra enfermidades. (Araújo Santana e Santana, 2024), em uma revisão sistemática focada no semiárido, identificaram a recorrência de uso de espécies lenhosas nativas da família Fabaceae e Euphorbiaceae, ricas em taninos e compostos fenólicos de ação antimicrobiana e anti-inflamatória. Plantas como aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*), babosa (*Aloe vera*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*) e cajueiro (*Anacardium occidentale*) são amplamente citadas na literatura regional para o tratamento de ferimentos, parasitoses e prolapsos uterinos, garantindo autonomia farmacêutica e redução de custos na pecuária familiar.

No cenário específico do Piauí, a pesquisa caminha em direção ao resgate, à valorização e à inserção desses saberes no ambiente escolar profissionalizante. Investigando a realidade de Institutos Federais na região semiáridas piauiense. Embora o ensino formal tenda a urbanizar e silenciar a vivência botânica dos discentes, os produtores rurais locais mantêm um domínio expressivo no uso contínuo de plantas medicinais, indicando a necessidade premente de integrar a etnoveterinária aos currículos de ciências agrárias (Cardoso *et al.*, 2021).

Essa problemática de distanciamento imposta pelo ensino formal é amplamente debatida em estudos contemporâneos, que apontam a urgência de superar as práticas de “educação bancária”, caracterizado pela simples transmissão de conteúdos abstratos e desconectados a realidade dos alunos (Araujo, 2024). Para reverter esse distanciamento a literatura defende a inclusão desses saberes locais mediante um diálogo intercultural dentro da sala de aula, tornando as experiências da comunidade como ponto de partida para o ensino (Mpanda, 2022; Araujo, 2024). A

efetiva integração curricular desses saberes não apenas fortalece a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos discentes, como também estimula o protagonismo estudantil, tornando a aprendizagem mais imersiva e significativa (Araujo, 2024). Ao relacionar os conhecimentos escolares sistematizados com as práticas e vivências locais a escola cumpre seu papel de promover uma formação cidadã, preparando o indivíduo para intervir criticamente em sua realidade e aplicar os conhecimentos adquiridos em benefício da própria comunidade (Mpanda, 2022).

Essa racionalidade interna de resistência contrapõe-se diretamente a lógica produtivista do grande capital. (Oliveira et al., 2024), ao analisarem as comunidades rurais em Palmeiras do Piauí, demonstra que o modo de vida camponês local materializa a agroecologia na prática. Mesmo cercados pela expansão do agronegócio da soja, os criadores piauienses resistem através do manejo integrado do agrossistemas (unindo rebanhos a fruteiras nativas como o buriti e o babaçu) e de uma ética baseada no respeito à vida animal, onde os indivíduos recebem nomes, são criados soltos e acolhidos até a velhice.

Diante do exposto, observa-se que a Etnozoologia constitui campos fundamentais para a compreensão das relações entre as comunidades humanas e a biodiversidade, evidenciando que os saberes tradicionais representam sistemas de conhecimento construídos historicamente e continuamente atualizados pelas experiências cotidianas. No contexto da pecuária familiar, esses saberes orientam práticas de manejo, conservação e cuidado com os animais, contribuindo para a manutenção da identidade cultural e da sustentabilidade das comunidades rurais.

Entretanto, apesar de sua relevância científica, cultural e ambiental, tais conhecimentos ainda ocupam espaço reduzido no ensino formal, permanecendo muitas vezes, inviabilizados pelos currículos escolares. Nesse sentido, fortalecer o diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais possibilita uma educação científica mais contextualizada, crítica e socialmente comprometida, capaz de valorizar a diversidade de formas de produzir conhecimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Análise quantitativa dos saberes e práticas tradicionais

Participaram da pesquisa 30 pecuaristas familiares do município de Cajazeiras – PI, abrangendo diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e tempo de atuação na atividade pecuária. Para preservar o anonimato e o sigilo dos 30 pecuaristas familiares participantes, conforme os critérios bioéticos adotados nesta pesquisa, os fragmentos das falas reais foram codificados com a letra “E” em seguida da numeração, correspondendo à ordem de sistematização das entrevistas semiestruturadas. A inclusão de participantes com perfis variados permitiu uma análise mais ampla das características sociais e produtivas da comunidade, contribuindo para a compreensão do contexto em que os saberes etnozoológicos são construídos e transmitidos.

Em relação à faixa etária (Tabela 1), observou-se predominância de participantes entre 41 e 50 anos (n=15), correspondendo a 50% da amostra. Os demais contribuintes têm entre 26 a 40 anos (n= 7; 23,3%), acima dos 60 anos (n=6; 20%) e entre 25 anos (n= 2; 6,7%) indicando maior participação de indivíduos com maior experiência de vida e atuação na atividade.

Tabela 1 - apresenta a distribuição dos 30 entrevistados do município de Cajazeiras do Piauí-PI, de acordo com a faixa etária

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Idade	Até 25 anos	2	6,7
	26 a 40 anos	7	23,3
	41 a 60 anos	15	50,0
	Acima de 60 anos	6	20,0
	Total	30	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Quanto à escolaridade (Tabela 2), verificou-se diversidade aos níveis de formação. A maior frequência foi de participantes com ensino com ensino superior completo (n= 8; 26,7%), seguida por ensino fundamental incompleto (n= 9; 30%), ensino médio completo (= 7; 23,3%), além de menores proporções de indivíduos com

ensino fundamental completo (n=2; 6,7%), ensino médio incompleto (n= 3; 10%) e sem escolaridade (n=1; 3,3%).

Embora a soma dos níveis fundamental incompleto e sem escolaridade atinja 33,3% da amostra, confirmando a persistência de barreira históricas no acesso à educação básica, nota-se um contingente expressivo de participantes com ensino médio completo (23,3%) e ensino superior completo (26,7%), esse índice contrasta-se com o perfil clássico do produtor familiar nordestino documentado na literatura, onde a maioria dos participantes frequentemente não possui sequer o ensino fundamental incompleto, conforme discutido por (Souza e Romagnoli, 2022), a invisibilidade social e a marginalização epistemológica no campo costumam estar atreladas à ausência de educação formal.

No entanto, a presença de uma nova geração de criadores mais instruídos nas comunidades rurais de Cajazeiras-PI não anula a herança cultural local, pelo contrário, reforça o potencial de hibridismo entre o saber empírico e a apropriação de novos conhecimentos.

Tabela 2 - Distribuição dos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI segundo o nível de escolaridade

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Escolaridade	Sem escolaridade	1	3,3
	Fundamental incompleto	9	30,0
	Fundamental completo	2	6,7
	Médio incompleto	3	10,0
	Médio completo	7	23,3
	Superior completo	8	26,7
	Total	30	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

No que se refere ao tempo de experiência na pecuária (Tabela 3), a maioria dos participantes possui longa trajetória na atividade, com destaque para aqueles com mais de 20 anos de experiência (n= 21; 70%), seguidas por 11 a 20 anos (n= 5; 16.7%)

e 5 a 10 anos (n= 4; 13,3%). Esse resultado reforça o caráter tradicional e contínuo da atividade na comunidade.

Tabela 3 - Distribuição dos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI segundo o tempo de experiência na pecuária

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Tempo de experiência na pecuária	5 a 10 anos	4	13,3
	11 a 20 anos	5	16,7
	Mais de 20 anos	21	70,0
	Total	30	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Em relação ao tipo de criação, observou-se predominância da criação de bovinos e ovinos, sendo relatada também a presença de outras espécies como caprinos, aves e suínos, indicando um sistema produtivo diversificado. Esse cenário corrobora as discussões de Diegues (2000), ao afirmar que os conhecimentos tradicionais são construídos a partir da convivência direta com o ambiente e transmitidos entre gerações como parte da identidade cultural das comunidades.

Quanto à fonte de renda (Tabela 4), a maioria dos participantes indicou a criação de animais (n= 15; 50%) como principal atividade econômica, seguida pela agricultura (n= 13; 43.3%) e, em menor proporção, pela aposentadoria (n= 2; 6,7%) evidenciando a importância da pecuária na economia local.

Tabela 4 – Distribuição dos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI segundo a principal fonte de renda

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Fonte de renda	Pecuária	15	50,0
	Agricultura	13	43,3
	Aposentadoria	2	6,7
	Total	30	100,0

Os entrevistados puderam indicar mais de uma resposta.

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Os dados revelam que o conhecimento relacionado ao manejo de animais é predominantemente adquirido no contexto familiar (Tabela 5). A maioria dos participantes afirmou ter aprendido com os pais (n= 27) e avós (n= 3), além de poucos casos envolvendo vizinhos, técnicos e outros meios. Esses resultados indicam forte influência da transmissão intergeracional na construção do saber local. Essa característica evidencia a oralidade como elemento central da preservação do saber tradicional. A fala do E1, ao afirmar que *“meus pais e meus avós me ensinaram no dia a dia”*, demonstra como o aprendizado ocorre de forma contínua e integrada às atividades cotidianas. Esse resultado aproxima-se das discussões de Santos Fita e Costa Neto (2007), que destacam a transmissão geracional como um dos principais elementos de manutenção do conhecimento etnozoológico em comunidades rurais.

Tabela 5 - Apresenta a distribuição dos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI segundo a principal fonte de aprendizado dos conhecimentos relacionados à criação animal

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Fonte de aprendizado	Pais	27	90,0
	Avós	3	10,0
	Total	30	100,0

Os entrevistados puderam indicar mais de uma resposta.

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Quanto à forma de transmissão de conhecimento (Tabela 6), verificou-se que todos os participantes (n= 30; 100%) relataram aprender principalmente por meio de práticas cotidianas, sendo também mencionadas formas complementares como relatos orais (n=3) e cursos ou capacitações (n= 1). Além disso a maioria dos entrevistados (n= 24; 80%) afirmou que transmite esse conhecimento para outras

peessoas, especialmente para familiares, enquanto 20% (n= 6) relataram não realizar esse processo de transmissão.

Tabela 6 - Distribuição dos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI segundo as formas de transmissão dos conhecimentos tradicionais

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Forma de transmissão	Prática cotidiana	30	100,0
	Relatos orais	3	10,0
	Cursos/capacitações	1	3,3
	Total	de 30	100,0
	entrevistados		

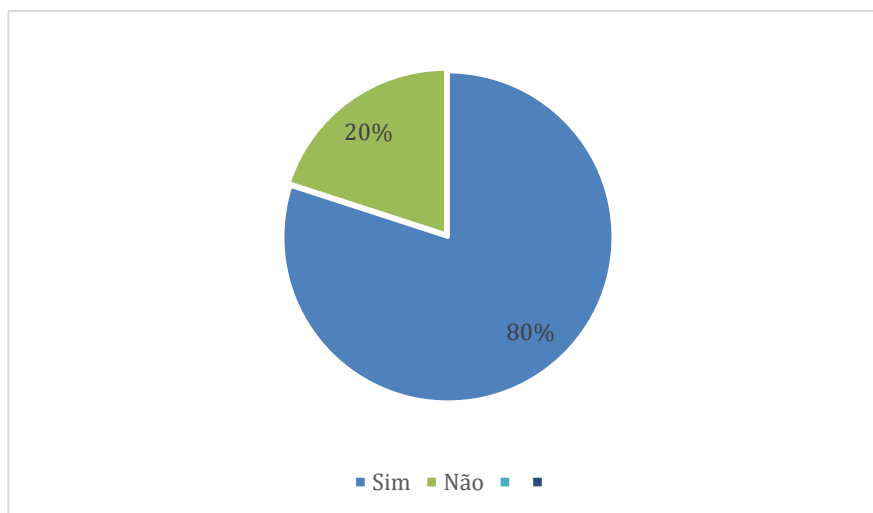
Os entrevistados puderam indicar mais de uma resposta.

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Esses resultados evidenciam que o conhecimento etnozoológico na comunidade é constituído e mantido principalmente por meios de vivências práticas e da tradição familiar, reforçando um caráter empírico e intergeracional desse saber. Esse processo demonstra que o conhecimento local não depende exclusivamente de instituições formais de ensino, sendo estruturado a partir das experiências acumuladas pelos próprios pecuaristas.

A figura 1 apresenta a distribuição dos entrevistados quanto à transmissão dos conhecimentos tradicionais. A maioria dos participantes (80%; n= 24) afirmou compartilhar esses saberes, enquanto 20% (n= 6) relataram não realizar essa prática. Indicando que a transmissão do conhecimento tradicional permanece presentes entre os pecuaristas investigados.

Figura 1- Transmissão dos conhecimentos tradicionais



Fonte: Dados da pesquisa (2026)

No que se refere às práticas culturais utilizadas no manejo, observou-se ampla utilização de estratégias tradicionais associadas a alimentação, saúde e cuidados com o ambiente.

Em relação à alimentação dos animais (Tabela 7), destacou-se o uso de forragem e pastagem natural (n= 21; 70%), seguido por ração comercial (n= 15; 50%), além de práticas como o uso de resto de lavoura e misturas caseiras. Ressalta-se que alguns participantes mais de uma alternativa, o que justifica a soma superior ao número total de entrevistados.

Tabela 7 – Tipos de alimentação utilizados pelos criadores de Cajazeiras do Piauí-PI

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Alimentação	Forragem/pastagem	21	70,0
	Ração comercial	15	50,0
	Outros (lavoura/alimentação local)	2	6,7
	Mistura caseira	2	6,7

Os entrevistados puderam indicar mais de uma resposta.

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

No aspecto de saúde do animal (Tabela 8), a maioria dos participantes (n= 28; 93,3%) relatou utilizar métodos tradicionais, como remédios caseiros, enquanto apenas n=2 (6,7%) afirmaram não utilizar essas práticas.

Tabela 8 – Utilização de práticas tradicionais na saúde animal pelos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Uso de práticas tradicionais na saúde	Sim	28	93,3
	Não	2	6,7
	Total	30	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

Quanto aos cuidados com o ambiente (Tabela 9), todos os participantes (n= 30; 100%) afirmaram adotar práticas relacionadas à higiene, sombra e disponibilidade de água, evidenciando preocupação com o bem-estar animal.

Tabela 9 – Realização de cuidados com o ambiente de criação pelos entrevistados de Cajazeiras do Piauí-PI

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Cuidados com o ambiente	Sim	30	100,0
	Total	30	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A percepção dos entrevistados sobre a ocorrência de mudanças nas práticas de criação animal (Tabela 10). Observa-se que a maioria dos participantes (90%; n=27) reconhece que houve mudanças nas práticas ao longo do tempo, enquanto 10% (n=3) afirmaram não perceber alterações, indicando a influência de inovações tecnológicas e novas formas de manejo na atividade pecuária.

Tabela 10 – Percepção dos entrevistados sobre mudanças nas práticas de criação animal em Cajazeiras do Piauí-PI

Variável	Categoria	Frequência (n)	Percentual (%)
Mudanças nas práticas	Sim	27	90,0
	Não	3	10,0
	Total	30	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

As principais causas das mudanças ao longo do tempo (Tabela 11), incluem a influencia de técnicos e veterinários (n= 16), seguida de experiência própria dos criadores (n= 11), cursos e capacitações (n= 6), além de troca de conhecimentos com outros criadores (n= 2), outras fontes (n= 1). Ressalta-se que a categoria “não se aplica” (n= 2) corresponde aos participantes que afirmaram não ter realizado mudanças nas práticas ao longo do tempo. Ressalta-se também que alguns participantes indicaram mais de uma alternativa, o que justifica a soma superior ao número total de entrevistados.

As falas dos entrevistados também revelam que o conhecimento científico não é rejeitado pelos criadores, mas incorporado de maneira seletiva e complementar. O entrevistado E30 afirmou que a orientações técnicas aprimoram o que já sabia, enquanto o E15 destacou que “o técnico vêm , mas a gente sabe o jeito” . Essas afirmações demonstraram um processo hibridismo entre saberes, no qual conhecimento científico é aceito desde que dialogue com a experiência prática já consolidada pelos pecuaristas. Tal resultado aproxima-se da proposta de “ecologia dos saberes” discutida por Cunha e Antinello (2024), segundo a qual diferentes formas de conhecimento devem coexistir de maneira horizontal, sem hierarquização entre ciência e saber popular.

Tabela 11 – Fatores apontados pelos entrevistados como responsáveis pelas mudanças nas práticas de criação animal em Cajazeiras do Piauí-PI

Variável	Categoria	Frequência (n)
Fatores de mudança	Técnicos/veterinários	16
	Cursos/capacitações	6
	Experiência própria	11
	Outros criadores	2
	Outros	1
	Não se aplica	3

Os entrevistados puderam indicar mais de uma resposta

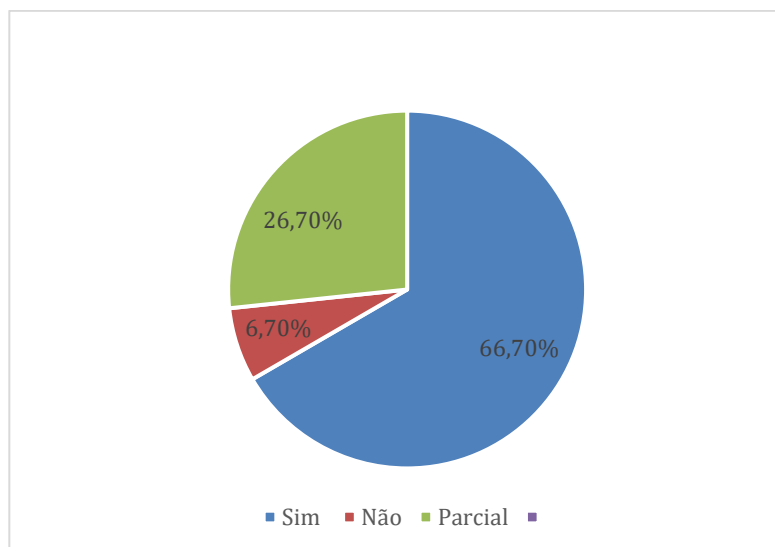
Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A forte presença de práticas tradicionais relacionadas à alimentação, saúde do animal e cuidados ambientais evidencia que esses conhecimentos continuam sendo aplicados no manejo atual. O uso de forragem, misturas caseiras, remédios tradicionais e a preocupação com sombra, água limpa e higiene do curral demonstram que os pecuaristas associam o cuidado animal à observação empírica e ao conhecimento acumulado ao longo da experiência prática. Nesse sentido, Alves e Souto (2010) afirmam que os saberes etnozoológicos não possuem apenas função utilitária, mas também apresentam estratégias adaptativas construídas pelas populações rurais para garantir sobrevivência e sustentabilidade em contextos ambientais específicos.

Em relação à percepção dos participantes sobre a valorização dos saberes tradicionais, na figura 2, a maioria (n= 20; 66,7%) considera que esse conhecimento é reconhecido e valorizado, enquanto n= 8 (26,7%) acreditam que isso ocorre apenas parcialmente, e n= 2 (6,7%) afirmam que não há valorização. Esses resultados indicam que, embora exista reconhecimento tradicional, ainda há percepções de desvalorização, especialmente quando comparado ao conhecimento técnico e científico.

Outro aspecto relevante identificado foi a influência das transformações tecnológicas e sociais na continuidade desses conhecimentos. Embora a maioria dos participantes reconheça importância das práticas tradicionais, muitos relatam preocupação com o desinteresse das gerações mais jovens pela atividade rural. A fala do E2, ao afirmar que *“hoje os meninos querem saber de internet”*, evidencia mudanças no perfil sociocultural das famílias rurais e o risco de enfraquecimento da transmissão intergeracional. Esse resultado dialoga com Matte et al., (2022) , que discutem a descontinuidade da sucessão familiar na agricultura e pecuária devido às transformações econômicas e ao avanço da urbanização

Figura 2 - Apresenta os dados analíticos sobre as percepções dos pecuaristas em relação ao nível de reconhecimento social e valorização



Fonte: Dados da pesquisa (2026)

3.2 Análise qualitativa dos saberes e práticas tradicionais

A análise qualitativa das entrevistas foi realizado com base na Análise de (Bardin, 2011), permitindo identificar categorias temáticas relacionadas às transmissão, utilização, valorização e transformação dos saberes tradicionais na criação animal. A partir das respostas dos participantes, observou-se que esses conhecimentos permanecem presentes no cotidiano dos criadores, sendo construídos principalmente por meio da experiência prática e transmitidos entre gerações.

Quanto a transmissão dos conhecimentos, verificou-se que os saberes tradicionais são compartilhados principalmente com familiares, especialmente filhos e netos (E3, E4, E6, E8, E9, E10, E13, E15, E18, E23), mas também com amigos,

parentes, vizinhos, colegas, funcionários e outras pessoas interessadas na atividade (E1, E7, E12, E16, E17, E19, E20, E22, E24, E27 e E28). Esse resultado evidencia o caráter intergeracional e comunitário do conhecimento tradicional, reforçando sua importância para a continuidade das práticas de criação.

Em relação aos métodos tradicionais utilizados na saúde animal, as análises das respostas demonstram que os criadores utilizam diversos métodos tradicionais para o tratamento e prevenção de enfermidades nos animais. O uso de remédios caseiros foi a prática mais recorrente (E1, E2, E3, E5, E10, E18, E19, E24, E25, E28 e E29), sendo frequentemente associado ao emprego de plantas medicinais e recursos disponíveis na propriedade.

Alguns participantes representam exemplos específicos desses tratamentos, como o uso de “*algodão, líquido de babosa e mastruz*” (E6), “*sumo de jucá (pau-ferro)*” (E8), “*garrafadas de plantas nativas*” (E12), “*suco da folha de algodão*” (E17) e “*pião branco e babosa*” (E22). Também foram relatados práticas voltadas ao manejo e aos cuidados direto com os animais, como “*cura do umbigo*” (E4), “*castrar e usar inseticida*” (E11), “*retirada de nódulo e auxílio no parto*” (E23) e “*cura do animal no rastro*” (E24).

Uma fala que merece destaque é a do entrevistado E27, que afirmou “quando não dá pra comprar remédios em casa de veterinária uso o caseiro”. Essa resposta evidencia que os conhecimentos tradicionais não são utilizados apenas por tradição cultural, mas também como estratégia de enfrentamento das limitações econômicas vivenciadas pelos criadores. Esses resultados demonstram que os saberes tradicionais relacionados à saúde animal permanecem presentes no cotidiano dos produtores, sendo transmitidos e adaptados conforme as necessidades locais.

Em relação às mudanças nas práticas ao longo do tempo, os participantes associaram as mudanças ocorridas nas práticas de criação principalmente ao avanço tecnológico, a modernização e à incorporação de novos conhecimentos técnicos. Falas como “*Porque evolui as coisas e tivemos que evoluir juntos*” (E2). “*Por conta das modernidades*” (E3), “*por conta da tecnologia, aprimorar*” (E4) e “*avanço das tecnologias*” (E12) evidenciam a percepção de que a atividade pecuária passou por processos de atualização ao longo dos anos.

Outros entrevistados destacaram fatores relacionados à saúde animal e ao manejo, como a chegada de novos medicamentos (E9), aumento do conhecimento técnico (E7) e a necessidade de adaptações a mudanças ambientais (E24).

Entretanto, alguns participantes afirmaram manter as práticas tradicionais mesmo diante das transformações observadas, como relatado por E14: *“ainda utilizo as mesmas práticas”*.

Os entrevistados apresentaram opiniões distintas sobre a valorização dos saberes tradicionais. Muitos consideram que esses conhecimentos continuam relevantes por serem amplamente utilizados no cotidiano da criação. Entre as falas destacam: *“porque ainda utilizamos e ainda é importante pra gente”* (E1), *“muita gente ainda utiliza”* (E3) e *“sem elas não existiria as novas práticas e ainda usamos”* (E9).

A transmissão entre gerações também foi apontada como um fator importante para sua valorização. O entrevistado E18 afirmou que o conhecimento tradicional permanece relevante *“por conta de passar de geração em geração”*. Por outro lado, algumas respostas indicam a percepção de desvalorização desses saberes. O E11 destacou que *“as reconhecem mais as dos profissionais”*, enquanto o E20 afirmou que *“quem vive no campo não é valorizado”*.

De maneira geral, os participantes demonstraram uma visão positiva em relação ao conhecimento técnico-científico, reconhecendo sua importância para o aprimoramento da criação animal. “Muito importante” (E3), “É bom, importante” (E4), “Importante” (E6) e “Ajuda as pessoas” (E2). Destaca-se a resposta de E7, que relacionada a expansão do conhecimento científico ao acesso à informação: “A prática científica teve evolução entre os produtores da região em função de alguns produtores ter acesso a palestras informativas e os meios de comunicação, reportem de jornais e tem muita gente que teve orientação dos órgãos de defesa passar conhecimento”.

Outros participantes enfatizaram a contribuição da ciência para melhorar o manejo dos animais. Segundo E12, *“o avanço da tecnologia ajuda a melhorar a criação”*, enquanto E20 afirmou que o conhecimento técnico *“ajuda nas orientações de manejar de forma correta e melhorar”*. Esses resultados indicam que os criadores não enxergam os saberes tradicionais e científicos como conhecimentos necessariamente opostos, mas como formas complementares de aprendizado.

Em relação aos cuidados com os animais, predominam preocupações voltadas à alimentação, saúde, hidratação, manejo e prevenção de doenças (E1, E2, E4, E5, E7, E8, E9, E10, E13, E14, E18, E21 e E29). A alimentação foi o aspecto mais citado, demonstrando a percepção dos criadores de que uma nutrição adequada é fundamental para a manutenção da saúde e produtividade dos animais. No que se refere ao ambiente de criação, os entrevistados destacaram a importância

da sombra, da disponibilidade de água e da limpeza dos currais e instalações (E3, E5, E7, E8, E10, E11, E12, E13, E14, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E24, E25, E27 e E29). Esses cuidados refletem a preocupação dos criadores com o bem-estar animal e a prevenção de doenças.

A aprendizagem desses conhecimentos ocorre predominantemente no ambiente familiar, por meio da observação e da prática cotidiana junto aos pais, avós e outros parentes (E1, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E13, E15, E17, E19, E20, E21, E22, E24, E25, E27, E28 e E29). Alguns entrevistados também mencionaram cursos, orientações técnicas e interesse próprio como formas complementares de aprendizagem (E10, E11, E12 e E14).

Esses resultados reforçam o papel da oralidade e da convivência familiar na preservação dos saberes tradicionais. Quando questionados sobre a utilização de métodos tradicionais na alimentação animal, a maioria afirmou ainda empregar práticas herdadas de gerações anteriores, especialmente relacionadas ao manejo da pastagem, fornecimento de sal mineral, separação dos animais e observação dos períodos adequados para alimentação (E3, E5, E6, E7, E9, E11, E12, E15, E18, E20, E22, E24, E26 e E29). Contudo, alguns relataram adaptações e aprimoramentos decorrentes das novas tecnologias e técnicas de manejo (E15).

As principais dificuldades apontadas pelos entrevistados estão relacionados às mudanças sociais, tecnológicas e ambientais. A seca foi um dos fatores mais mencionados (E8, E10, E12, E16, E18 e E24), sendo associadas à escassez de alimentos e de pastagens. Também foram citadas o avanço tecnológico e a modernização das práticas produtivas. O entrevistado E11 afirmou que *“o avanço da tecnologia não consegue manter o tradicional”*, enquanto E17 destacou diretamente *“a modernidade”* como obstáculo para a continuidade dos saberes. Outra dificuldade importante refere-se ao desinteresse das novas gerações. O entrevistado E21 afirmou que *“ninguém quer seguir”*, enquanto E29 destacou dificuldade de *“achar quem queira aprender”*.

As sugestões apresentadas pelos participantes convergem para ações de valorização, transmissão e registro de saberes tradicionais. Foram mencionadas palestras (E3), apoio político (E4), capacitações (E17) e inclusão desses conhecimentos e cursos técnicos (E14). Muitos entrevistados enfatizam a necessidade de repassar os conhecimentos às novas gerações. Nesse sentido, destacam-se as falas: *“dar continuidade”* (E11), *“sempre repassar para os mais*

novos” (E25) e *“documentar o que se foi aprendido”* (E23). Uma resposta particularmente relevante foi apresentada por E7: *“Observar algumas práticas adotadas pelos criadores mais velhos e que são eficazes a qualquer tempo.”* Essa fala evidencia o reconhecimento da experiência acumulada pelos criadores mais antigos como patrimônio cultural e fonte importante de conhecimento.

A maioria dos entrevistados considera importante a integração entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos técnico-científicos. As respostas indicaram que ambos podem contribuir para melhorar as práticas de criação e ampliar o aprendizado dos produtores. Entre as falas mais representativas destacam-se: *“As duas são semelhantes e uma depende da outra.”* (E19). *“Importante, mas tem que manter o tradicional.”* (E13). *“Importante, pois auxilia com o que aprendemos na prática.”* (E17). *“O conhecimento técnico é fundamental para ampliar o conhecimento e as práticas na atividade agropecuária.”* (E8).

Por outro lado, alguns entrevistados apontaram que o conhecimento formal tende a receber maior reconhecimento social. E24 afirmou que *“o que está valendo é o conhecimento formal”*. Essas falas reforçam a necessidade de promover maior valorização dos conhecimentos tradicionais, reconhecendo sua contribuição histórica e práticas para criação animal.

Esses resultados demonstram que os criadores percebem a integração entre os dois tipos de conhecimento como um caminho capaz de fortalecer a atividade pecuária, preservando experiências acumuladas ao longo das gerações e incorporando avanços científicos que contribuam para o desenvolvimento da produção.

Tabela 12 – Categorias temáticas identificadas na análise qualitativa dos saberes e práticas tradicionais dos criadores de Cajazeiras do Piauí-PI

Categoria	Questão Base	Padrões Recorrentes (Núcleos de Sentido)	Frequência (n)
Público Transmissão	de Q8 (S2/S5)	Filhos, netos, amigos e vizinhos	24
Prioridade Cuidado	de Q9 (S5)	Alimentação (sal, ração e pastagem) e saúde animal	30
Manejo Sanitário Tradicional	Q11 (S3/S5)	Uso de remédios caseiros e fitoterápicos	28

Bem-estar e Ambiente	Q12 (S3/S5)	Higiene do curral, sombra e oferta de água	30
Fator de Mudança Prática	Q13 (S3/S5)	Avanço das tecnologias, máquinas e manejo moderno	27
Barreira Ambiental	Q13 (S3) / Q14 (S5)	Seca, sazonalidade e escassez de pastagem	30

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

3.3 Produto educacional: Guia educativo

Como produto educacional dessa pesquisa, foi elaborado um guia educativo ilustrado destinado aos pecuaristas, estudantes e à comunidade em geral, com o objetivo de divulgar e valorizar os conhecimentos tradicionais relacionados à criação animal no município de Cajazeiras do Piauí. O material foi desenvolvido como estratégia de devolutiva da pesquisa aos participantes, buscando apresentar os resultados em linguagem acessível e contextualizada.

A elaboração do guia ocorreu em cinco etapas:

Na primeira etapa, realizou-se a seleção dos conteúdos com base nos resultados obtidos nas entrevistas, priorizando os saberes tradicionais mais recorrentes identificados durante a análise de conteúdo, como a transmissão intergeracional dos conhecimentos, o manejo sanitário tradicional, a alimentação dos animais, os cuidados com o ambiente de criação e as práticas de etnoveterinária.

Na segunda etapa, os conteúdos foram organizados em uma sequência didática que favorecesse uma leitura simples e objetivam utilizando perguntas norteadoras para aproximar o leitor da temática e estimular a reflexão sobre os conhecimentos tradicionais.

Na terceira etapa, foi realizado a adaptação da linguagem científica para uma linguagem acessível, preservando o rigor das informações, mas adequando o texto ao público-alvo, composto principalmente por pecuaristas familiares, estudantes e comunidade local.

Na quarta etapa, procedeu-se à elaboração do projeto gráfico do material, utilizando recursos visuais, ilustrações e organização temática dos conteúdos, buscando tornar o guia mais atrativo e facilitar sua leitura.

Na quinta etapa, o material foi revisado e finalizado, sendo disponibilizado como produto educacional da pesquisa, com potencial para utilização em ações de extensão, atividades escolares e processos de educação científica voltados à valorização dos saberes tradicionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender que os conhecimentos etnozoológicos presentes entre os pecuaristas de Cajazeiras do Piauí-PI permanecem como parte importante entre das práticas de criação animal no contexto da pecuária familiar do semiárido. Os objetivos propostos foram alcançados e os resultados indicam que esses saberes são transmitidos predominantemente de forma oral e intergeracional, tendo como base a convivência familiar, a experiência prática e a observação do ambiente.

Os relatos dos particioantes tambem sugerem que as práticas etnoveterinária e o manejo tradicional continuam sendo utilizadas no cotidiano da criação aniaml, especialmente por meio do uso de plantas medicinais, remédios caseiros e cuidados relacionados à alimentação, ao manejo sanitário e ao bem-estar dos animais. Além disso, os entrevistados apontaram que essas práticas podem contribuir para o manejo dos rebanhos e para redução de custos, aspecto que poderá ser aprofundado em pesquisas futuras.

A pesquisa evidenciou ainda que os pecuaristas reconhecem a importância tanto dos conhecimentos tradicionais quanto dos conhecimentos técnico-científicos, compreendendo-os como formas complementares de aprendizado. Ao mesmo tempo foram identificados preocupações relacionadas às mudanças tecnológicas, aos períodos de seca e ao menor interesse das novas gerações em dar continuidade às atividades pecuárias, fatores percebidos pelos participantes como desafios para a transmissão desses conhecimentos.

Diante desses resultados, destaca-se a importância de valorizar os saberes tradicionais como parte do patrimônio cultural das comunidades rurais e de promover o diálogo entre os conhecimentos e o ensino de Ciências e Biologia. Essa aproximação pode contribuir para uma educação científica mais contextualizada,

favorecendo o reconhecimento da realidade local e das experiências construídas pelos produtores rurais.

Nesse sentido, esta pesquisa reforça o potencial dos saberes tradicionais na criação animal como recurso para a valorização da cultura local e para o desenvolvimento de práticas de educação científica contextualizadas, aproximando o conhecimento produzido nas comunidades rurais do ensino formal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. F.; ALMEIDA, M. A.; NASCIMENTO, M. F. Conhecimentos tradicionais e sua relação com a ciência moderna. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, 2017. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/742>.

ALEXANDRE, W. S. *et al.* Etnoecologia para a gestão sustentável de recursos naturais: uma análise crítica de desafios e oportunidades. **Revista Pantaneira**, v. 24, p. 77-89, 2024.

ALVES, R. R. N. Relationships between fauna and people and the role of Ethnozoology in animal conservation. **Ethnobiology and Conservation**, v. 1, p. 1-69, 2012.

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Por que estudar o uso de produtos de origem animal em medicinas tradicionais? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 1, n. 5, p. 1-10, 2005.

ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Uso de fauna na medicina popular: uma visão etnozoológica. In: ALVES, R. R. N.; ALVES, H. N. (org.). **Animais na medicina popular**: aspectos históricos, culturais e sociais. Recife: NUPEEA, 2010. p. 321-343.

ARAÚJO, D. T.; SANTANA, M. M. O.; SANTANA, C. C. S. Plantas medicinais para uso etnoveterinário em comunidades do semiárido nordestino brasileiro. **Derecho y Cambio Social**, n. 78, p. 1-17, out./dez. 2024.

ARAÚJO, M. V. S. **Relação entre saber local e conhecimento escolar**: um estudo envolvendo professores de ciências e biologia da educação básica. 2024. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

AZEVEDO, L. F. **Saberes e práticas tradicionais**: uma análise do modo de apropriação da natureza pelos pecuaristas familiares da Serra do Sudeste/RS. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BALÉE, W. L. **Footprints of the forest: Ka'apor ethnobotany-the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people**. Nova York: Columbia University Press, 1993.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.

CARDOSO, E. A. R. *et al.* Plantas medicinais como prática educativa para Técnicos em Agropecuária de Instituto Federal Brasileiro. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 8, p. 77194-77217, ago. 2021.

CORRÊA, C. S. L. *et al.* Estudos da etnozoologia no Brasil: uma análise cienciométrica de 1967 a 2017. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 50, p. 442-460, 2019.

CUNHA, C. C.; ANTONELLO, I. T. O diálogo entre os saberes científicos e popular: da decolonização à práxis territorial. **Revista de Políticas Públicas**, v. 28, n. 1, p. 164-180, jan./jun. 2024.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1994.

FERREIRA, F. N.; TUPIASSU, L.; GROS-DÉSORMEAUX, J. R. Acesso e repartição de benefícios da biodiversidade no Brasil: uma reflexão em favor dos detentores de conhecimento tradicional. **Justicia Ambiental y Personas Defensoras del Ambiente en América Latina**, Universidad del Rosario, p. 45-62, 2024.

FERREIRA, F. N.; TUPIASSU, L.; GROS-DÉSORMEAUX, J. R. Reinterpretando a conservação do saber local no marco legal da biodiversidade. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, v. 69, n. 1, p. 67-90, 2024.

GOMEZ-POMPA, A. The role of people in conservation. **Conservation Biology**, v. 6, n. 4, p. 483-491, 1992.

GONÇALVES, M. E. S. Ecologia de Saberes na Educação do Campo como alternativa epistemológica e societal: experiência do SIECS. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 3, n. 2, p. 616-632, 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTE, A. *et al.* Agricultura e pecuária familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 18, n. 1, p. 283-298, 2022.

MAZZA, M. C. M. *et al.* **Etnobiologia e conservação do bovino pantaneiro**. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994. 61 p.

MPANDA, Verónica Joaquim Sibinde. Integração curricular dos saberes locais: relação escola-comunidade local. Njinga & Sepé: **Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco do Conde, v. 2, n. 1, p. 188–205, jan./jun. 2022.

MIRANDA, R. C.; SANTOS, V. M. S. **Biografia de Luís da Câmara Cascudo e sua contribuição para a etnozootologia**. 2023. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga, 2023.

OLIVEIRA, J. B. de; SANTOS, A. B.; DIAS, M. G.; SILVA, V. R. da. Lógica de Production Camponesa e Bem-Estar Animal: um olhar para as comunidades rurais do Sul do Piauí. **Cadernos de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 1-5, 2024.

POSEY, D. A. Introdução à etnobiologia: implicações e aplicações. In: POSEY, D. A.; OVERAL, W. L. (org.). **Etnobiologia: teoria e prática**. Belém: MPEG, 1990. p. 15-30.

REIS, H. S. *et al.* Plantas medicinais da Caatinga: uma revisão integrativa dos saberes etnobotânicos no semiárido nordestino. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 2, p. 693-714, 2023.

RIETH, Flávia; VELDEN, Felipe Vander (org.). Da criação ao abate: etnografias dos caminhos da pecuária no Brasil. Tessituras: **Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://share.google/qGOTGbE1SBeuGvO0Y>.

RUIZ, M. S. *et al.* Alimento e território, entre ciência e saber popular. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 22, n. 2, p. 208-228, 2024.

SANTOS, A. N. S. *et al.* Currículo escolar como espaço em disputa – educação ambiental e saberes de povos originários e comunidades tradicionais. **ARACÊ**, v. 7, n. 5, p. 24937-24981, 2025.

SANTOS, S. S. **Uso de animais pelas populações tradicionais: um panorama da Etnozoologia no Brasil**. 2023. Tese (Doutorado em Biologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. A etnozootologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 24, n. 4, p. 1187-1200, 2007.

SAQUET, M. A. **Singularidades**: um manifesto a favor da ciência territorial popular feita na práxis descolonial e contra-hegemônica. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.

SILVA, L. F.; RAMOS, M. A. A inserção da etnobiologia no ensino de ciências: implicações e possibilidade. Maceió: Editora Licuri, p. 116-129, 2023.

SILVA, T. R. A etnobiologia utilizada como ferramenta para a prática da educação ambiental. **REVISEA - Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, v. 1, n. 3, p. 142-152, 2016.

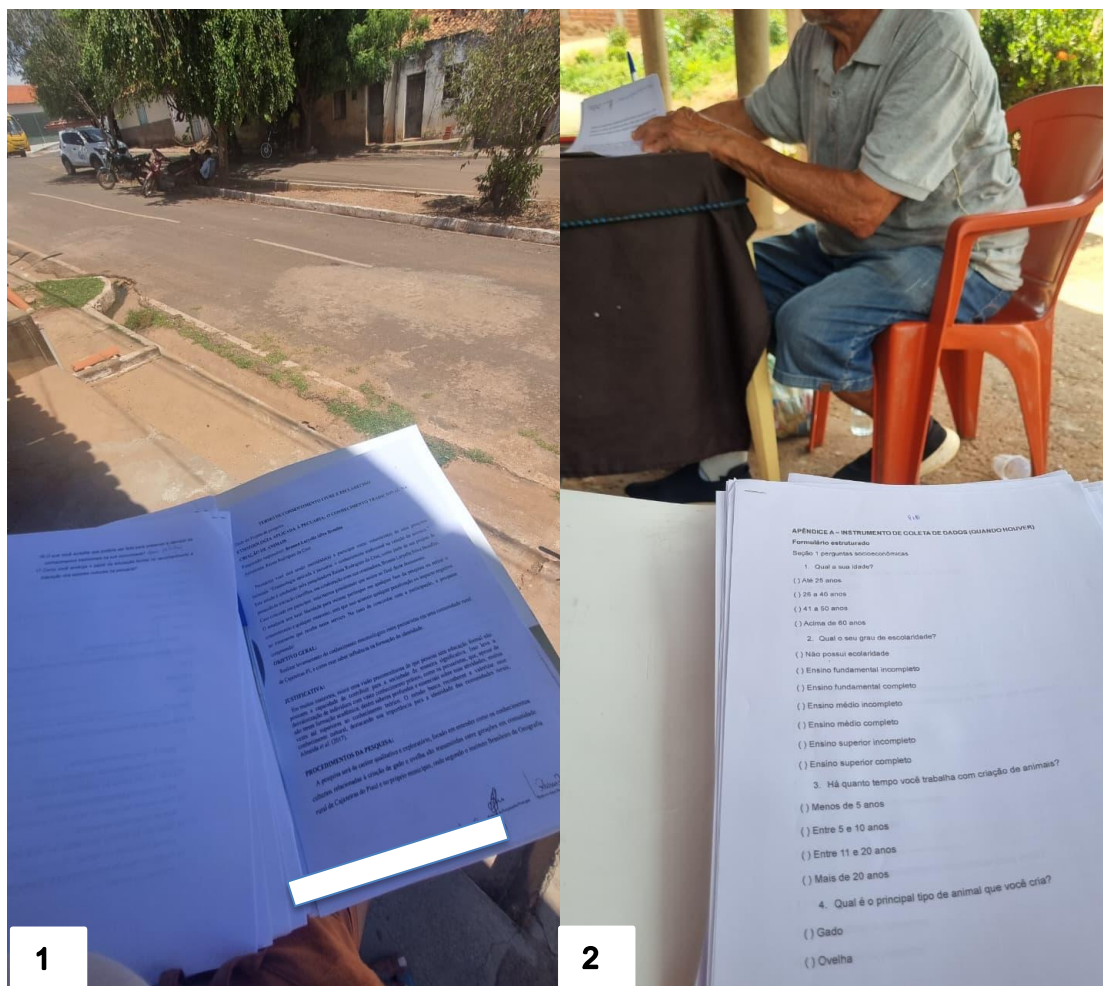
SANTOS, S. da S.; SANTOS, E. G. dos; LUCENA, R. F. P. de. Vínculos estabelecidos entre as pessoas e recursos zoológicos: uma perspectiva da etnozootologia. **Revista Campo do Saber**, v. 10, n. 1, p. 182-197, 2024.

SOUZA, C. S.; ROMAGNOLI, F. C. Universidade, conhecimentos tradicionais e possibilidades de produção científica decolonial. **Ambiente & Sociedade**, v. 25, p. 1-20, 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve em pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ANEXO A – PESQUISA

Imagens 1 e 2: Registros dos dias da aplicação dos entrevistas.



Fonte: Autoria Própria.